

**VOLUME 13**  
**VIAGEM AO EXTERIOR - 3ª PARTE (EGITO E EUROPA)**  
**03 a 14/11 de 1871**

**INÍCIO DO TEXTO DO DIÁRIO DE D. PEDRO II**

**1871**  
**NOVEMBRO**

**3 de novembro de 1871** — A mesquita de Mohamed-Ali ainda merece algumas palavras. O interior é de alabastro e vastíssimo e o zimbório eleva-se majestoso.

Muitos passarinhos esvoaçavam chilrando [*sic*] dentro da mesquita e os árabes consideram isto como sinal de felicidade.

O átrio cercado de arcadas que precede a mesquita também é belo e está cheio de cordas pendentes para lustres, sobretudo no Ramadan, que se aproxima.

A alguma distância da mesquita e perto do palácio de Mohamed-Ali habitado agora pelo príncipe herdeiro é que se vê o lugar onde o mameluco saltou a cavalo, creio que sobre um montículo então maior provavelmente, mas que assim mesmo não salvou o cavalo, escapando-se ele montado num camelo.

Meu drogoman [*sic*] Antônio ainda o conheceu julgo que em Damasco.

No morro da cidadela, que faz parte da serra do Mokattam, se pode chamar-se serra esta série de baixas montanhas também se o poço de José aberto na rocha calcária. Desci até onde se tira a água do fundo de uma cavidade artificial de altura igual à daquela que eu percorri e se acha dividida em três andares.

Dois cavalos que da boca do poço, pareceram-me duas cabras tocam a nora chamada aqui saquiá.

Num recanto do fundo da porção do poço que eu desci está um túmulo de pedra com o competente turbante nela figurado, que dizem ser de um ministro de Saladino de nome José. Contudo os árabes imaginam que este poço é do tempo do filho de Jacob. Não cheguei até o fundo extremo do poço porque da nora para baixo só os alcatruzes podem descer. Referem que o Sultão Saladino mandou cavar este poço porque não havia o aqueduto da época florescente dos árabes, o qual ainda campeia nestes areias, ou por ele estar então arruinado. A água do poço é tão boa como a do Nilo e cresce com a cheia do rio.

Este dia também foi notável pela visita do Museu de antigüidades de Bulak. Mr. Mariette tudo explicou-me e fiquei maravilhado do grau de perfeição da escultura entre os Egípcios, 4.000 anos antes de J. C.

As estátuas de Chafra (o Cefreu da 2ª pirâmide) de pedra preta e de um pastor feita de madeira, o qual parece andar apoiado num pau, são admiráveis.

O catálogo de tantas riquezas arqueológicas feito por Mr. Mariette dá uma idéia deste tesouro.

Não tenho sentido calor abrasador e as madrugadas e noites do Cairo são belíssimas e muito agradáveis nesta estação.

As ruas são verdadeiros formigueiros, e que fedor! Não falo da parte da cidade que se tem europeizado.

Quisera escrever tudo o que visse nesta região tão singular, mas isto só seria possível se menos examinasse. Muito ficará para as conversas. Adeus! Adeus!

**4 de novembro de 1871**— Estou muito cansado e atirar-me-ia já na cama se as saudades não exigissem que lhe desse as mais afetuosas boas noites. Adeus, cara amiga! Nada me interessa completamente longe de Você. Adeus!

Depois de ouvir missa na igreja dos Franciscanos à qual só a pé se pode chegar por causa destas ruas que parecem galerias de formigas fui às Pirâmides de Gizeh O caminho quase todo por alamedas de acácias, das quais muitíssimas trançam entre si as comas do verde o mais esplêndido é condigno vestibulo de tão venerando monumentos.

Parecem pequenos até chegar a eles e só se faz idéia da altura da grande pirâmide quando se observam os que por ela trepam e vão-se tornando cada mais pigmeus.

Subi facilmente ajudado pelos árabes e no cimo reunimo-nos mais de 30. Da minha companhia só foram Bom Retiro e o egiptólogo distinto dr. Brugsch, que muito tem simpatizado comigo e dado-me informações interessantíssimas.

Também galgaram a pirâmide 11 de 17 moças nos Estados Unidos, que consta pertencerem a uma sociedade emancipadora [*sic*] das mulheres. Um rapaz e senhora de mais idade também as acompanharam.

Logo que atingimos o alto da pirâmide soltamos muitos hurrahs, agitamos os lenços e eu assentado numa pedra do tempo de Chufu (Cheops dos gregos) escrevi algumas palavras a Você e os dados que o Brugsch comunicou-me a respeito da pirâmide.

As americanas pediram-me que escrevesse meu nome em bilhetes de visita e eu fi-lo também numa das pedras do cimo do monumento, depois de havê-la escrito, com um grosso lápis dado por um árabe. Já havia feito o mesmo num recanto onde descansei mais tempo na subida.

A vista do cimo é admirável. As tamareiras arremessando-se das ilhas que a inundação ainda forma; as acácias alastrando até quase ao Cairo, de onde se elevam a cúpula da mesquita de Mohamed-Ali e o Mokattam através de uma poeira luminosa, mas tudo domina pela majestade secular do monumento, que aliás um homem pisava... que mais posso eu acrescentar que não exprima melhor o abraço que toda amizade lhe dá seu devotado Gautier!...

A descida não foi tão incômoda, apesar de ter de pular a pés juntos degraus de quase 2 metros de altura, embora aparado e mesmo carregado pelos ágeis árabes e depois de curto descanso entramos os três — quem dera que fôssemos nós três! — na pirâmide.

A visita do interior desta custa mais que a subida. Houve lugar que tive de andar de gatinha e noutro deixar-me escorregar assentado sobre pedra dura e pouco lisa.

O aspecto das entranhas deste monumento é imponente porém lúgubre. Conhece-se bem que foi construído de pirâmides sobrepostas e cuja espessura é tanto maior quanto mais durou o reinado do rei que levou todo esse tempo a construir a pirâmide para sua sepultura.

Na câmara onde se acha o sarcófago de Chufu também fiz gravar meu nome e os árabes dançaram lembrando-me pelos movimentos e toada do canto a dança dos botocudos do Rio Doce.

Sobre esta câmara há mais 3 e 3 outras embaixo, só tendo eu visto destas a da rainha, que fica exatamente sob a de Chufu. Sabe-se que esta pirâmide é de Chufu porque acharam-se em pedras do interior dela a pintura hieroglífica de seu nome e Heródoto a chama de Cheops. Sobre as outras não há certeza de quem são e a estátua de Chafra achada no tempo ou sepulturas descobertas por Mariette junto ao Esfinge não tem relação conhecida com a pirâmide denominada de Cefren por Heródoto, contudo os nomes parecem-se e a estátua foi encontrada perto.

Esta pirâmide afigura-se mais alta do que a chamada grande, mas talvez seja isto devido a ser mais afinada nas proporções. No cimo dela há ainda revestimento de tijolo.

A menor de Mecherah (Micerinus) não merece menção. Para o lado do Esfinge estão as 3 pirâmides muito destruídas das Princesas, de que fala Heródoto e, além do Esfinge, que não produz quase impressão e é muito feio com seu narigão achatado, está o templo descoberto por Mariette. Compõe-se de grandes massas de granito e de alabastro na parte superior, parecendo as pontas dolmens. As areias cercam-no todo.

Fotografaram-me com Mr. Mariette e alguns árabes sobre a muralha do templo e Você julgará bem da cena pela fotografia. Outra se fez de um grupo maior aos pés do Esfinge e também é sua, pedindo-lhe que repare para o modo por que se acha o grupo composto. Brugsch, que é sem dúvida, mesmo por confissão do bom Mariette, melhor conhecedor de hieróglifos e creio também de monumentos, apesar da reserva que Mariette parece fazer para si dessa parte da egiptologia, diz que o templo não é senão uma carneira de gatos, que os egípcios adoravam.

Esquecia-me referir que as pinturas hieroglíficas do nome de Chufu são as que costumavam os egípcios fazer nas pedras tiradas das pedreiras de Mokattam, durante o reinado do rei, que mandava construir o monumento e de que ainda se acham algumas nessas pedreiras, por não terem sido empregadas.

Na volta vi os jardins dos palácios de Ghizet e de Gheziret. O primeiro está cheio de grutas artificiais e de ruas de pedrinhas formando diversos desenhos e o segundo mais natural tem uma bela menagérie; a terceira na importância que vi, depois das de Londres e Antuérpia. Aí achei o uraeus — cobra que incha o pescoço, alteando cabeça e é figurada hieroglificamente sobre os pilonos dos templos.

Ainda não pude descobrir o cerastes, serpente de dois chifrezninhos e muito venenosa, mas nesse mesmo jardim examinei o ichneumoso ou rato dos Faraós, que come os ovos do crocodilo e era objeto de culto dos egípcios. Com que prazer vi o tatu e o coati *[sic]* e tenho comido excelentes bananas!

**6 de novembro de 1871** — Estive em Heliópolis (ou dos egípcios e da Bíblia) Matarieh dos árabes que examinei o obelisco de Ositarsen 1º anterior a Moisés e um dos dois que precediam ladeando-a a porta do templo, cujos sacerdotes foram mestres de Platão e de Eudoxus.

Que areial *[sic]* agora!

Brugsch descobriu os restos de uma das portas do templo que já desapareceram quase aproveitadas pelos árabes para construções e podem-se distinguir certas linhas do recinto.

O obelisco está 15 pés enterrado na areia, mas assim mesmo honra os séculos de Moisés e de Platão. Antes de aí ter ido colhi folhas de um belo sicômoro que chamam a árvore da Virgem, por ser de tradição que à sua sombra descansara N. Sra. na fuga para o Egito. Este lugar foi dado pelo Khedive à Imperatriz Eugênia.

Hoje senti sol de rachar, mas na volta refrescou e passei pelo jardim de Chubrah obra de Mohamed-Ali. É o mais belo que vi à margem do Nilo e com um lindo e imenso tanque rodeado de colunas e com salas riquíssimas nos cantos. Dizem que o velho Vice-Rei gostava de admirar nesse tanque a ginástica aquática de seu numeroso harém.

**7 de novembro de 1871** (terça-feira) — Foi um dos dias mais interessantes.

Subi o Nilo até Mênfis passando por Tamó à margem esquerda, onde dizem que Moisés foi lançado no rio e pelo convento Copta de S. Jorge, de onde os frades vinham dantes a nado pedir esmolas aos navegantes. A decência, que todavia não é muito respeitada por estas paragens impediu esse costume. Todos os árabes nadam como peixes e Mariette contou-me que havia ainda um velho no Alto Egito que servira sob Murad-Bey contra Bonaparte, o qual é célebre como nadador e vive de pescar.

Mênfis é areia ornada de tamareiras, que se estendem na margem esquerda do Nilo por 77 milhas. Caminho pitoresco entre lagoas do Nilo, que a água já tem deixado para cobrirem-se de culturas de um verde que fere quase a vista.

Ia de burrinho alongando meus olhos muito e muito além do deserto, bem o sabe Você e dei comigo nas pirâmides de Sakamah

Apoei-me à porta da casa onde Mariette gozou, durante 4 anos, dos prazeres do deserto e depois de curta demora fui com ele, Brugsch e mais companheiros ver o túmulo do padre Ti. Examinei as gravuras das paredes que representam ofertas e cenas da vida daqueles tempos. O mesmo fiz no túmulo de Phtahnotep padre de Phtah (Vulcão Egípcio) mas as senhoras não me acompanharam por causa de certas imagens que aí existem.

As estátuas desses 2 padres estavam outrora em nichos e por baixo delas em subterrâneos é que se achavam os sarcófagos. Não entrei nesses buracos. Tudo cobriam as areias antes das escavações. Notei nas gravuras das paredes o modo de apanhar o hipopótamo, que parece provar que era este o Behemoth (que traduz a vulgata leviathan) do livro de Job, os navios com 3 e 2 remos servindo de lemes, o que talvez desse origem ao nome triremes e biremes e não 3 ou 2 ordens de remos, cuja posição para o movimento do navio é quase impossível explicar e a prensa para fazer vinho, que era quase o nosso tipiti.

Brugsch fez o irmão estampar as gravuras da câmara tumular de Phtahnotep e mandarei as folhas para Lisboa porque não posso carregá-las comigo. Mariette não sabe disto e a rivalidade entre ambos, apesar de toda a polidez e mesmo amizade, pois moraram juntos mais de ano na casa onde apeei-me é evidente. Mariette, segundo diz Brugsch, chegou a mandar tapar inscrições no Museu de Bulak para que Brugsch não seja o primeiro a lê-las. Contudo são duas pessoas muito estimáveis e que me deixarão saudades.

Por último entrei na carneira do Serapeum, a mais importante das descobertas de Mariette. São longas galerias cavadas na rocha e 64 câmaras de que só 24 contêm túmulos dos bois Apis. Estes túmulos são gigantescos e pesam 65.000 quilogramas. Dentro de um deles bebi à saúde de Mariette em honra de sua descoberta. Podiam estar bem 10 pessoas à mesa, porém só eu, Mariette, Brugsch e Bom Retiro aí entramos. Acharam-se preciosidades arqueológicas dentro desses túmulos e um deles tem o nome de Cambyses e foi portanto do boi Apis, que ele feriu. Não é a Você que careço de contar esta história.

O pôr do sol na volta foi lindíssimo e eu com Mariette nos nossos burrinhos arrastando quase os pés pela areia conversamos longamente, não podendo deixar eu de dizer-lhe o interesse que Você teria em examinar tantas coisas curiosas dotada como é de espírito tão investigador.

Quando chegamos á margem do Nilo e aí esperamos os outros, o lugar tomou o aspecto de acampamento de caravana e quase tive desejos de dormir sob o céu recamado de estrelas, depois de ouvir algum conto árabe, que Brugsch me traduziria, ou mesmo Mariette aliás muito menos ou pouco filólogo.

Desembarcamos na margem direita acima do lugar de embarque de manhã, porque deixaram uma ponte passagem estreita demais e a corrente do rio era forte. Assim é quase tudo no Egito, que engatinha na estrada da civilização!

Adeus! Esta palavra tudo exprime a Você e sobretudo hoje.

**8 de novembro de 1871** — Visitei a biblioteca no Instituto, que dirige Brugsch Há alcorans curiosos, um sobretudo por ser do tempo do Saladino.

Brugsch apresentou-me na biblioteca um poeta árabe que há de fazer-me versos e outro árabe que tem traduzido muitos livros franceses para a instrução pública. Ainda está bastante atrasada posto que instituiu 25.000 alunos no Cairo as escolas primárias e o atual Khedive instituiu uma de meninas, o que é grande progresso, onde o belo sexo é tão desprezado.

O aspecto de uma escola árabe é curioso, por causa do balancear constante do corpo dos alunos, quando lêem o Koran. Disseram-me que, imitando assim a oscilação dos que montam em camelo, comemoram a fuga de Mohammed de Medina para Meca.

Adeus! Vou dormir. A parte menos interessante de minha estada no Egito contá-la-ei depois que tiver tido tempo de referir o importante. Ainda este abraço.

**9 de novembro de 1871** — Saí acompanhado de Brugsch antes das 6h e fui ver as pedreiras de Mokattam. Não pude entrar senão numa gruta mas elas estendem-se durante hora e meia ou 2 horas de marcha a pé. Que gigantescos moles destacados de montanha! Parece xisto-calcáreo e os degraus tão desiguais das pirâmides provieram da irregularidade de espessura das diferentes camadas.

As pirâmides de Ghizet, na margem oposta e iluminadas pelo raios de sol, atravessando pouco espesso nevoeiro, apresentavam uma cor opalina lindíssima.

Voltei depressa demais para almoçar e fui depois até a barragem do Nilo. Reúne a ponte do Delta às duas margens do rio por 60 e tantos arcos divididos em duas partes iguais, cada uma de 500 metros de extensão. Estes arcos fecham-se por meio de portas curvas, com a curvatura para a corrente e assim a represa faz o rio, na descida da cheia, subir o que é preciso para continuar em canais a alargar uma parte do Delta. Estes canais ainda não estão todos abertos e as passagens que se deixaram para a navegação são estreitas para vapores de maior lote. Além disto já muitos barcos tem se virado de encontro a barragem.

Mr. Linant-Bey com quem conversei há poucas horas e foi quem deu o plano da barragem a Mohammed-Ali julga que atualmente ficará muito mais barato elevar a água com máquinas de vapor. Creio que a barragem, quando muito, poderá servir de ponte. Mr. Linant-Bey falou-me muito de Mohammed-Ali e apesar de seus 70 anos, e 40 e tantos do Egito, ainda parece ter o vigor da mocidade.

Na volta da barragem ainda admirei os belos efeitos de luz sobre as margens verdes do rio e os edificios do Cairo, ao lado de Mokattam. Foi um cenário novo para mim e dos mais lindos.

Adeus, cara amiga, que tanto apreciaria tudo isto!

**10 de novembro de 1871** — Estou de novo em Alexandria e durante tantos dias nenhuma carta e apenas antes de ontem um telegrama de Você!

Culpo só a distância que infelizmente nos separa.

Acabei de assistir à sessão do Instituto do Egito, arremedo do de Bonaparte e do qual me trouxeram desde que cheguei esta tarde aqui o diploma de membro honorário.

O presidente honorário é Mariette e a sessão foi presidida por Collucci-Bey, médico de família italiana e que se formou em Bolonha. Depois da leitura da ata da sessão passada em que Mariette comunicou-me seus interessantes trabalhos a respeito da Alydas do Egito (a antiga Ebot, que os gregos grecizaram) eu pedi a palavra e agradecendo a minha eleição de sócio, disse algumas palavras para mostrar que conhecia já um pouco o Egito na minha pátria e viajei nele com espírito de observação.

Leram-se diversas memórias interessantes, depois percorri um pouco a casa, sobretudo a biblioteca, pequena ainda, e conversei com todos os meus colegas presentes, que eram 16. Pareceram-me quase todos inteligentes e instruídos principalmente o irmão do presidente, Paulo Colucci, médico também, e que fez a campanha da Síria com Ibrahim Pachá; o médico francês Gaillardot, que reside há quase 40 anos no Egito e fez a mesma campanha e parte da expedição de Mr. Renan na Síria, o Dr. Abate, médico nascido na Itália; Mr. Emmanuel, francês que deu-me seu mapa das explorações mais recentes do interior da África; Mr. Savaire, francês, orientalista distinto e Gallici, italiano advogado, que tem estudado muito e escrito sobre o direito otomano.

Agora que está quase terminada minha viagem ao Egito tenho mais descanso falarei de coisas menos importantes ou que me tivessem esquecido no momento.

Os túmulos de um califa e de sultões mamelucos, junto ao Mokattam, são muito graciosos por sua arquitetura, principalmente o de El Bibar com suas duas cúpulas elegantes e minarete todo cheio de requifes. São para assim dizer as flores desse areal. Resplandeciam ao pôr do sol e para maior contraste, de plantas só encontrei madeira petrificada esparsa sobre a areia.

Há um sitio chamado a floresta petrificada, mas não fui lá não só por falta de tempo como por dizer-me Brugsch que não valia a fama que lhe deram os turistas.

As mesquitas de Galahúm, de Tulúm, de Amrú e de Ashar são dignas de visitar-se. Também me ocuparei de outras talvez. Junto à primeira houve quem sabe se a primeira casa de loucos fundadas pelos árabes. Agora está noutro edifício felizmente, porque a primitiva tem aspecto de calabouço.

A 2ª é vastíssima com arcos ogivais e um dos minaretes tem escada de caracol por dentro e o outro de igual forma, porém externamente. Conta-se que o Sultão Tulúm estando a enrolar um papel entre os dedos, seu vizir notara que poderia melhor empregar o tempo, ao que retorquira aquele que se achava planejando a escada exterior do minarete.

A 3ª é também vasta com arcos ogivais e colonatas, havendo duas colunas por entre as quais dizem que só passam os que não são profanos. Está claro que eu não podia passar mesmo sem a minha barriga, apesar de tentá-lo com a fé robusta de meus braços e pernas.

A última também se chama a universalidade, mas em que consiste esta? Na leitura escrita e interpretação do Coran, por maometanos de diferentes regiões, que deitados, assentados no chão ou de cócoras e separados, conforme nações ou tribos, desconfo que antes durmam ou cochilem do que estudem. Goza de grande fama de sapiência oriental, mas nem o edifício é belo como os outros.

Na Igreja das Missões Austríacas há uma porta de arabescos árabes lindíssimos e também se tornam notáveis por isto uma porta no palácio de Cherif-Pachá e outra defronte.

Não compreendo porque os edifícios recentes não imitam a arquitetura árabe tão elegante, não fazendo pelo menos parte senão feias casas à européia. A do hotel tem sofrível aparência e é grande devendo, quando acabada conter 500 quartos. Pertence ao Khedive como quase tudo de melhor no Egito, pois ele ou o faz ou compra-o.

O Khedive que vi duas vezes, quando visitou-me e paguei-lhe a visita é inteligente e fala bem o francês, mas creio que por seus hábitos de sibarita nunca será verdadeiramente reformador. Deu-me bastantes informações sobre o Egito e apenas sumiu-se ao dizer-lhe que ao menos executassem o Coran à risca e não tomassem quase como preceitos o que ele por demais tolera.

Tudo facilitou para minhas digressões e permitiu que alguém com suas companheiras jantasse no palácio da mãe, vendo assim um pouco o interior de um harém.

O ministro dos Negócios Estrangeiros Nurbar-Pachá, armênio pareceu-me muito inteligente, porém servilíssimo, falando bem francês, gostando eu muito de seu sobrinho Akél-Bey, que formou-se em direito em Leipsig, tem maneiras distintíssimas e, segundo dizem-me, não é estimado do Khedive, por causa de suas opiniões verdadeiramente européias e civilizadoras.

Senti não ver Ibrahim Pachá escudeiro do Pachá que veio acompanhar como tal as Sras. ao palácio da mãe do Khedive e Mariette disse-me ser o retrato tal qual do Faraó Sethi 1º.

Poucas caras vi eu no Egito parecidas com as dos monumentos, nem belezas mulheris, apesar de correr quase todas as ruas do Cairo.

Assisti a uma dança nacional em casa do Vice-Cônsul Brasileiro de Ismaília, mas a poesia dos Atmées desvaneceu-se toda.

Ainda mais me repugnou a chamada da abelha noutra casa a que fui unicamente para poder assegurar que nada escapou-me por culpa própria. Na primeira casa como na segunda havia umas poucas de mulheres, que trajando vestidos, que deixavam ver-lhes a camisa na cintura, tremiam como chocalhos, ora requebrando-se sem graça, ora pondo-se de côcoras para logo se levantarem, — e isto ainda era bom — ao som de instrumentos iguais aos dos negros boçais.

Na casa do Vice-Cônsul era cousa recebida e creio mesmo que cortesia, tocar na cintura das dançarinas, para elas ainda mais chocalharem, mas eu não o fiz e na outra tal era o calor que elas procuraram, pouco a pouco, senti-lo o menos possível, por causa do vestuário. Cobrem-se de pedrarias ou verdadeiras ou falsas e em tudo brilha péssimo gosto. Este povo parece-me uma nova espécie cínica em todo o sentido, podendo eu apenas referir o que presenciei em companhia de Brugsch quando víamos hieróglifos de uma pedra numa pequena praça do Cairo.

Chega-se um velho que parecia respeitável levanta a capa e faz de côcoras, no meio da praça, lembrando um trecho de Heródoto, o que o Pai da história diz que as egípcias faziam em pé. A mais estúpida superstição completa o quadro.

Assisti uma das noites passadas a outra reunião de dervixes uivadores, que não sei como não deslocaram o pescoço com os safanões laterais que lhes davam. Apareceu no meio deles um possesso esperneando e muito custou a um dos dervixes a convencer o diabo falando aos ouvidos do possesso de que era tempo de deixá-lo e a mim ver a cena dos sabres e punhais, que fingem enterrar no ventre e no rosto e olhos, mas que não se representou por não aparecerem os instrumentos e a cerimônia da circuncisão, dentro da casa, em que a criança de 4 para 5 anos berrava antes do tempo, talvez por ter já alguma idéia do que lhe iam fazer. A mãe estava presente: um dervixe creio eu segurou a criança entre as pernas dele, o barbeiro pôs no chão a bacia, meteu o pauzinho, esticou, prendeu com uma espécie de pinça, passou a navalha, curou-o e um alarido de alegria abafou quase o choro do pobre menino, que voltou aos braços da mãe, que o envolveu num véu.

O dervixe mostrou aos circunstantes, entre os quais estava eu assentado como os outros em colchões, o testemunho de estar perfeitamente finda a cerimônia. Antes da circuncisão e durante os uivos dos dervixes na rua tinham passado bandejas de comida para quem entrava e eu bebi café que me ofereceram na rua. Cobriam-nos bandeiras e lustres que pendiam em cordas passadas de casa a casa, assentando-me eu numa espécie de capoeira de galinha feita de junco trançado e pouco alta para o comprimento.

Não sei se já referi numa de minhas cartas a cerimônia dos dervixes giradores no seu convento. Assisti a ela na 6ª fa. atrasada de uma espécie de tribuna circular que domina o recinto onde se reuniram 24 dervixes, dos quais a maior parte girou 3 vezes, abrindo-se as saias pela força centrífuga, como chapéus-de-sol. Os músicos também estavam na tribuna, porém afastados e tocaram instrumentos os mais desenxabidos possível. Depois de tanto exercício era justo que fossem comer cada um na sua cela, como se disse.

Este convento tem 40 dervixes, mas revezam no giro. O maioral é um grande magricela e consta que não admite só noviços por vocação, mas também por gentileza.

As procissões são curiosas e além dos noivos de que já escrevi encontrei uma muito grande com músicos e bandeiras indo no coice dela a cavalo o chefe dos islans com seu grande turbante verde o qual se dirigia ao tûmulo de um santo, cujo aniversário natalício festejavam. Não a vi bem, porque o Brugsch disse-me que havia muitos fanáticos e era perigoso perturbá-los em suas devoções.

Já na ida às pirâmides de Sakarah um árabe sem nenhum motivo que eu soubesse chamou-me cão de cristão!

Para ser santo aqui não custa muito: basta viver como Diógenes e fui ver eu que felizmente já se lembrara vestir-se com uns trapos, mas não queria estar senão de côcoras no meio da rua com o criado ao pé, que recebia esmolos e tudo o que lhe oferecia a roda dos devotos. Ele com os olhos semi-fechados resmungava talvez preceitos admiráveis. Há 2 anos que não vive com a mulher, porém traz-lhe esta regularmente docinhos e parece adorar o marido.

Quem fuma haschisch e diz muitas asneiras, durante a bebedeira, também mostra propensão para a santidade destes muçulmanos. Há três espécies de haschisch, que eu vi numa das lojas dos bazares, as quais são como nichos onde os vendilhões, estão de pernas cruzadas cercadas às vezes, de bugigangas inumeráveis. Uma destas espécies faz rir e, com efeito, ao fumá-la, o árabe fingiu, pelo menos, dar muitas gargalhadas para apanhar backschisch (dinheiro) palavra que se ouve proferir a cada canto, e de mão logo estendida.

Eu só dava aos cegos, que talvez sejam a sexta parte dos habitantes do Cairo e aos aleijados também freqüentes.

A outra inspira idéias lúbricas e a terceira fantásticas. Vende-se na forma de maçinhos. Proximamente deve ser o Bairam, que se segue ao Radamam e então costumam ornar os tûmulos de flores durante alguns dias, o que produzirá

singular efeito no areal dos cemitérios, como acontece com os lustres, arandelas e bandeiras nestes corredores imundos alcinhadadas ruas, quando há qualquer festa em casa próxima ou procissão.

Dizem-me que também há aqui a circuncisão das mulheres, o que compreendo não só pela limpeza, como para evitar costuras, que também fazem estes povos, porque a viagem a Meca é ausência demasiadamente prolongada e as paredes do harém não bastarão.

Mas conversemos de assuntos que não trescalem os aromas do Cairo.

Há aí bastante divertimento para os civilizados. Os teatros da ópera e francês são bons, o hipódromo é grande e também existe um circo de cavaleiros, cujo edifício nem mesmo vi interiormente.

Fui a um café — chantant —, que interessou-me por serem instrumentistas e cantores na maior parte muito sofríveis, quase todos da Boêmia e aparentados, sendo o resultado de sua digressão artística ganharem com que viver na sua pátria, casando muitos entre si.

Encontrei também noutro de feição um pouco árabe, onde quase pego no sono, ouvindo um senhor Bey, que Brugsch apresentou-me e pretende conhecer tanto as leis de elevação do solo egípcio que, pelo reconhecimento do número de pés que um monumento está enterrado, diz logo o ano em que foi feito! Apesar de tudo, este Bey pareceu-me inteligente e Brugsch diz que é honrado, cousa rara no Egito.

Nubar-Pachá passa por não respeitar o 7º mandamento, e entre os ministros cita-se com grandes louvores por sua honradez Cheriff-Pachá ministro do governo, antigo escravo do célebre coronel Seves, francês que tanto serviu a Mohamed-Ali e com cuja filha casou aquele.

Em 10bro vão cantar a nova ópera de Verdi Aída, assunto da época de Ramsés 2 (Sesastris) e cujo cenário, vestuário e mais acessórios foram feitos em Paris sob a direção de Mariette. Procurei com empenho vê-los, sobretudo por causa de um cenário que representa edifícios de madeira desses tempos, os quais Mariette disse-me serem de arquitetura graciosa e semelhante à árabe, mas tudo se achava ainda hermeticamente fechado e o diretor da ópera Dvanet Bey, que outrora foi boticário e, segundo Mariette, manipula as belas artes como se fossem drogas, nada pôde fazer.

A visita à casa de Brugsch foi interessantíssima por causa de manuscritos Coptas, e seu belo mapa do Egito antigo que ele mostrou-me. À vista desse mapa procurou ele convencer-me de que os Hebreus saíram de Thanis (Sane) e fugiram do exército do Faraó por uma restinga dos lagos do Norte do Delta. As vagas impelidas por algum Khamsin furioso teriam destruído aquele exército ao atravessar a estreita restinga. Um monumento perto de Thanis diz que fora ele construído pelos Habraiu. Apesar da opinião de Brugsch ainda penso que os Hebreus passaram para a Ásia junto a Suez. Mas as minhas relações literárias com Brugsch não de continuar e espero dever informações curiosíssimas como as que já deu-me, tendo ele me feito conhecer o Dr. Saga médico distinto alemão, em cuja casa vi Nyam- Nyam de 13 a 14 anos, que por sua fisionomia não parece ter pertencido a um povo do interior da África, o qual é antropófago.

O viajante Schweinfuhrer foi quem primeiro visitou esse povo assim como o dos pigmeus, que vivem perto tendo somente 3 a 4 pés de altura.

Adeus! Estou caindo de sono.

**11 de novembro de 1871** — Que belo tempo para a viagem! Não sofro nada e posso escrever.

Antes de deixar Alexandria ainda fui ver com Mohamed-Bey os vestígios que ele julga ter achado da antiga cidade.

Mohamed-Bey, que vi muitas vezes no Cairo foi discípulo estimado do Arago. É árabe e parece excelente pessoa. Agora dirige o levantamento da carta do Egito. Deu-me diversas publicações suas entre as quais uma memória, onde ele quer que as pirâmides tivessem sido construídas em honra de Sothis (Sirius) por isso que no solstício de verão essa estrela ilumina perpendicularmente uma das faces da grande pirâmide e as outra que ele enumera, mas que não são a maior parte, tem a mesma orientação da base e quase a mesma inclinação das faces.

Brugsch e Mariette riem-se da idéia, também eu creio que isto é querer que haja uma arqueologia astronômica, porém na sessão do Instituto pareceu-me que o presidente e outros membros não deixavam afagar a idéia, quando em conversa toquei nela.

Porém já ia-me alongando de Alexandria, em direção oposta àquela em que nunca será demais que eu caminhe. Mohamed-Bey mostrou-me na verdade duas calçadas de grandes pedras nas direções da porta Canópica e do cabo Lochias, devendo a 1ª ser a rua Canópica e a 2ª a real por estar o palácio dos Ptolomeus perto do Lochias e depois levou-me ao lado de Necrópolis até um campo onde há pedras de um edifício, que ele diz ter verificado ser um templo.

Pareceu-me ver o fragmento de uma estátua, que Mohamed-Bey chama de Antônio e que, segundo ele, se reconheceria se escavasse a areia, referindo-me ele que aí há outra pouco distante de Cleópatra.

O tempo era escasso e não pude ir até o campo de César onde se acham restos de um grande castelo nem examinar outros lugares da Antiga Alexandria.

Mohamed-Bey apontou-me para a colina que fica na cidade atual e era o Panium. Com efeito deve gozar-se de bela vista do alto dela. Pelo sítio que ele indicou-me como sendo o do Soma, a biblioteca dos Ptolomeus, não era onde se acha a casa do Instituto.

É bom não abusar do bom estado de minha cabeça e estômago.

Adeus!

**12 de novembro de 1871** — Tempo excelente. Nem o mais ligeiro incômodo.

Já passou Creta muito ao longe.

Há muitos poucos passageiros a bordo, contudo 2 moços mexicanos que tem viajado quase pelos lugares que eu, têm conversado comigo muito agradavelmente.

Vai ficando escuro. O barômetro baixou tem fuzilado e ventado, mas talvez não haja borrasca.

**13 de novembro de 1871** — Bons dias! Avisto o cabo Matapan e Navarino.

Belas terras da Grécia, quando sinto não visitar-vos com minha amiga!

Ainda não são 7 horas. O tempo está de aguaceiro e o comandante disse-me que choveu a guelas [*sic*] entre 1 e 2 horas da madrugada. 10h

Vê-se muito bem a ilha de Stamphane (uma das Strophades) com o seu farol. O dia está bom e o comandante disse ao almoço que o barômetro subira. Se o tempo continuar assim pisarei terra da Itália amanhã ao meio-dia e aí espero ter carta ou cartas de Você.

Vou ainda rever minha tradução da ode de Manzoni, cuja estrofe que fala das pirâmides escrevi junto destas.

Sabe que nome entre outros muitos fui achar no cimo da Grande Pirâmide? O de Jenny Lind, mas penso que seria um de seus apaixonados e não ela que aí subiu. Não é árvore para rouxinol.

A data mais antiga que se tem lido nas pedras da grande pirâmide, segundo disse-me Mariette e eu vi é de 1555.

Disseram-me que só três imperadores galgaram a pirâmide: o nosso amigo íntimo o atual da Áustria e o Romano Adriano.

Não sei se lhe escrevi que em Port-Said conheci o Dr. Carogna, grego, que presenteou-me com sua curiosa memória a respeito dos efeitos sobre o organismo das erupções vulcânicas, estudados por ele na ocasião das que abalaram as ilhas de Santorini. Já eu havia lido nos *Compte-Rendus* um resumo dessa memória, bem como dos trabalhos de Fouqué, de quem o Dr. Carogna deu-me notícias.

O poeta árabe mandou-me os versos com a tradução — poucas frases contendo pensamentos muitíssimo banais. O outro escritor árabe já me tinha lido versos publicados no seu diário a respeito de minha ida ao Egito e reconheci que não eram senão palavras rimando de enfiada, o que, segundo ouvi a Brugsch é mesmo a poesia árabe que não tem metrificação. Valha-lhe o pensamento!

Farei quando puder algumas considerações sociais sobre o Egito tomando por tema estas palavras de Ampère em 1846 na introdução de seu belo livro a respeito dessa região. “L’Egypte intéresse encore dans le présent et dans l’avenir; dans le présent par l’agonie de son douloureux enfantement; dans l’avenir par les destinées que l’Europe lui prépare quand elle l’aura prise, ce qui ne peut tarder.”

Vi bem posto que ao longe Zante e Cephalonia. Naquela descobri casas com binóculo. Tem havido aguaceiros, mas creio que chegaremos amanhã a Brindisi até meio-dia.

**14 de novembro de 1871** — 6h 20’ da manhã. Bons dias cara amiga.

Avista-se o porto de Brindisi.

Que bela viagem! Compensação da ida para Alexandria.

11h Almocei a bordo às 8, pouco depois da chegada. Já telegrafei e escrevi a Você.

Que saudades veio sua carta ainda fazer-me mais!